**A Oração do Coração[[1]](#footnote-1)**

**- Parte II -**

*Por um Cartucho*

**1 – PRÓLOGO**

**2 – ABBA, SANTIFICADO SEJA O TEU NOME**

**Parte I**

**3 – VER POR INTERMÉDIO DO CORAÇÃO**

**4 – PURIFICAÇÃO DO CORAÇÃO**

**5 – MEU CORPO: LUGAR DE ENCONTRO COM O VERBO E TEMPLO DO ESPÍTITO**

Frequentemente, temos a tendência de abordar a fórmula “oração do coração” de forma simbólica, falando do coração como uma maneira imaginária de evocar algo de nosso interior, ou seja, algo espiritual. Isso não está correto. Todos os movimentos do coração que representam o suporte do nosso relacionamento com o Pai são movimentos ligados ao nosso ser sensível, material. Nós sabemos por experiência - às vezes, mesmo ao preço da nossa saúde - que as emoções verdadeiramente profundas afetam nosso coração físico.

Deus nos fez assim. No relato do Gênesis vemos Yahweh modelando o homem da lama da Terra e afirmando, ao mesmo tempo, que este ser material foi feito à sua imagem e semelhança. Nosso corpo não é um obstáculo no relacionamento com Deus. Pelo contrário, é o próprio trabalho do Senhor que nos criou como filhos chamados a recebê-Lo como herança.

Toda a economia da encarnação do Filho de Deus coloca-nos nas mesmas perspectivas. A Igreja, desde os primeiros séculos, lutou com muito empenho para defender a realidade de que Jesus é verdadeiramente um homem. Ele nasceu na carne e viveu; Ele nos ensinou, sofreu, morreu e ressuscitou.

Estas são as obras humanas da Palavra de Deus que nos deram e continuam a nos dar vida todos os dias. A Palavra de Deus vem até nós com palavras humanas. Nosso pecado não foi purificado de forma simbólica, mas por meio do derramamento do sangue que flui do corpo de Jesus. Ele realmente morreu e ressuscitou em sua carne. É essa ressurreição material que salva nossas almas exatamente como nossos corpos.

Em suma, o Espírito nos foi dado a partir da ressurreição corporal do Filho. É Ele, o Filho de Maria, quem nos envia o Espírito advindo do Pai. Não é a Palavra incriada, mas a Palavra encarnada que tem compartilhado nossa existência tornando-se um dos nossos.

Experimentamos essa encarnação todos os dias por intermédio dos sacramentos, da liturgia, da vida em comunidade, do pertencimento ao corpo da Igreja. Tudo isso é o fundamento imediato, a presença em nossas vidas da realidade de Cristo. Então, sabamos receber Jesus da verdadeira forma que ele vem até nós, ou seja, dirigindo-se ao nosso corpo. Não nos precipitemos desfazendo-nos rapidamente deste intermediário que, às vezes, consideramos como uma falta de pureza em nosso relacionamento com Deus. Isso não é verdade, não é uma impureza, mas sim o próprio lugar de encontro com o nosso Abba.

Igualmente, seria-nos impossível imaginar a vida em comunidade se nossos irmãos fossem seres sem corpo, puros espíritos que deveriam se alcançados além do seu envólucro carnal. Da mesma forma seria uma rejeição da realidade do amor de Deus querer abstrair da realidade material e carnal presente no Filho que vem até nós. Efetivamente, a Eucaristia que celebramos a cada dia é a celebração de um ato que tem contribuido para que transformações profundas alcancem seu Corpo e Sangue, sem abandoná-los ou esquecê-los, dando-lhes, porém, sua plena significação: são uma realidade material que é o Filho de Deus. Do mesmo modo, nosso corpo é a realidade do que somos, com todo seu peso, seus limites, suas restrições. É o meu corpo que entra em contato com a realidade sobre a qual Jesus disse:

“Este é o meu corpo”, no encontro das duas realidades corporais se estabelece o contato de vida entre Deus e eu.

Se não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeiramente uma comida e o meu sangue, verdadeiramente uma bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai que me enviou vive, e eu vivo pelo Pai, assim também aquele que comer a minha carne viverá por mim. (Jo 6,53-57)

A conseqüência desse estado de coisas é que eu não poderia efetivamente rezar se o meu corpo não orasse. Não posso abstrair da minha realidade encarnada quando me dirijo a Deus. Tampouco é uma simples questão de disciplina religiosa se há certos gestos impostos e se existem condições materiais que me limitam quando tenho de me dirigir a Deus. Tudo isso corresponde a uma única verdade: que Deus me ama tal qual Ele me criou. Por que vou querer ser mais espiritual do que Ele?

É necessário, então, aprender a viver com meu corpo e com todas as restrições que me impõe. A comida, o sono, o cansaço, as doenças, os limites da minha força, dentre outros, não são obstáculos entre Deus e eu, pelo contrário, eles representam o tecido que estabelece a continuidade que não pode falhar entre o mais íntimo da realidade divina e a mais concreta da minha existência cotidiana. Quem entre nós não passou pela terrível experiência de se sentir limitado, até mesmo culpado, ao apresentar problemas de saúde, por exemplo?

Se o nosso coração é leal, não podemos dizer mais do que uma coisa: que é Deus quem vem até nós por intermédio desses dolorosos contratempos. Eles são o verdadeiro ponto de inserção do amor de Deus em nossa vida. Nosso coração saúda a Deus na medida em que está atento a esta realidade que gostaríamos de considerar inferior à nossa vocação espiritual. Tenhamos cuidado com as mentiras permanentes que o Príncipe das mentiras tenta semear em nossos corações. Não nos julgemos espíritos puros; acreditemos ser algo muito melhor: filhos de Deus.

**6 – O MESMO ESPÍRITO QUE ORA EM MIM**

Estamos falando de oração. Mas, sabemos orar? Pergunto-me se eu sei mesmo sobre o que é a verdadeira oração. Honestamente, eu tenho que admitir que não. Eu sinto em mim um profundo chamamento em certo sentido, mas ainda sigo no escuro. Felizmente:

O Espírito vem em auxílio à nossa fraqueza; porque não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis. E aquele que perscruta os corações sabe o que deseja o Espírito, o qual intercede pelos santos, segundo Deus. (Rm 8,26-27)

A oração não está em meu coração, ela brota dele, nâo sendo, assim, minha obra pessoal e solitária. O Espírito que me foi dado ocupa inteiramente meu coração e é Ele que reza em mim. O Espírito vem do coração de Deus e deseja acender em meu coração a mesma chama existente no dele.

Conhecemos todas as passagens de São Paulo que assim o diz repetidamente, mas não tenderímos a considerar tal afirmativa como algo puramente teórico? Ou ainda, expressando-nos de maneira mais nobre, como “verdades da fé”, nós não estaríamos falando com convicção, mesmo vivendo em total escuridão?

Esta presença do Espírito no meu coração seria algo que se situaria unicamente no âmbito de Deus e com o qual não conseguiria me comunicar, exceto por intermédio de fórmulas intelectuais. Assim, tal realidade escaparia totalmente da minha experiência. Seria isto o que verdadeiramente São Paulo quer dizer?

Em reação ao que esta atitude tem de excessiva, é necessário exigir que toda existência cristã autêntica seja uma experiência de Espírito, como a dos Apóstolos, quando receberam línguas de fogo no dia de Pentecostes? Isto nunca foi ensinado assim pela Igreja. Porém, entre os dois extremos, há uma atitude verdadeira, acessível a todos os cristãos, na qual a presença do Espírito em nossas vidas é uma realidade que tem influência direta no nosso modo de ser, nas relações de amor que temos com nossos irmãos e em nossa oração.

Ao retomarmos as diferentes etapas das quais falamos, constataremos uma progressão. Desconsideremos o centro de nossa atividade de oração no nível mental, das representações, dos sistemas de pensamento, para entrarmos em nosso coração, descobrindo, assim, um desordenado mundo de emoções e feridas que dele emana, necessitando ser purificado. Temos que descobrir que existe uma possibilidade efetiva de integrar todas as feridas de nosso coração no movimento da redenção, levando-os à luz, de tal maneira que possamos as oferecer, conscientemente, a ação redentora de Jesus.

Desta forma e sem ter dito isso, conseguimos falar sobre o movimento do Espírito em nós. Podemos fazer o que acabei de dizer, isto é, que o Espírito do Senhor realmente atue em nós, que nos permite desenredar, na complexa rede de nossas emoções, o que podemos oferecer com paciência e perseverança à graça da purificação e Ressurreição do Salvador. Tudo o que falamos já é o trabalho do Espírito.

Siguamos o mesmo caminho. Além de todos os caóticos movimentos do coração e especialmente do momento em que Jesus começa a restaurar sua ordem, observamos movimentos menos confusos que progressivamente acabam sendo ordenados e, portanto, sem mais cuidados, o fundo do nosso coração aprende a virar-se, espontaneamente, em direção ao Senhor. E, mais tarde, observando o ocorrido, percebemos que, na verdade, o Espírito do Senhor tem agido no fundo de nosso coração, em silêncio e com grande discrição. Na medida em que a paz se instala, nasce certo dinamismo misterioso com o qual temos que aprender a cooperar.

Desta forma, acostumamo-nos a assumir todos os movimentos do nosso coração, os bons, os não tão bons e os maus, orientando-os em direção a Deus. Alguns provêm diretamente do Pai e a Ele retornam. Outros precisam ser transformados e assumidos pela morte e ressurreição de Jesus. Todos pedem para ser conscientemente integrados neste dinamismo do Espírito estendido em nossos corações. Trata-se de aprender a estar atentos aos movimentos do nosso coração para nos unir, voluntaria e conscientemente, à ação do Espírito Santo que habita em nós.

Nada disso pressupõe qualquer “graça mística”. É apenas uma questão de perceber, com a ajuda da ternura e da simplicidade, que nosso coração ainda está vivo e que podemos oferecer esta vida ao Espírito Santo para que ele a leve em direção ao Pai.

São Pedro diz que o Espírito nos fala com sussurros difíceis de expressar, os quais merecem nossa plena atenção. A ação normal do Espírito não é para nos dar ideias claras, nem para nos iluminar. A ação do Espírito consiste em nos levar ao Pai.

Pois todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porquanto não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos: Aba! Pai! O Espírito mesmo dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. (Rm 8,14-16)

O Espírito é um testemunho, um dinamismo que nos arrasa. Não busquemos nada que o obstrua, ou que o controle. Isso significaria expulsá-lo de nosso coração. Dêmos a Ele total liberdade para rezar em nós com sua maneira velada, oculta e misteriosa, e logo valorizaremos os seus resultados. Quando começarmos a ver que estamos aprendendo a orar e que, sem saber o porquê, somos capazes de pedir a Deus e sermos acolhidos, poderemos considerar que, apesar de todas as nossas fraquezas evidentes, o Espírito reza em nós.

1. Segunda parte do texto traduzido pelo Rev. Frei João Milton Menezes, cujo original está disponibilizado no site <*https://textosmonasticos.wordpress.com/la-oracion-del-corazon/*>. Aos seus administradores, nossos agradecimentos. [↑](#footnote-ref-1)